

EDUCAÇÃO URGENTE

PARA O SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO CONTINUADA DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, AUMENTO DO NÚMERO DE CRIANÇAS NA ESCOLA TRAZ OUTRO DESAFIO: QUALIDADE

As crianças em idade escolar analfabetas no Brasil diminuíram de 1,2 milhão, em 2000, para 578 mil em 2005, mostram pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Outra boa notícia do IBGE: a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios indica que, de 1993 a 2003, o número de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos fora da escola diminuiu de 21% para 8%. Está bom assim? Para o secretário André Lázaro, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), do Ministério da Educação, ainda é cedo para comemorações. É preciso avançar ainda mais. "A inclusão das crianças na escola não foi acompanhada pela qualidade no ensino", afirma Lázaro. "Nosso desafio é ampliar o tempo e o espaço educativos para garantir a aprendizagem dos alunos."

Criada em julho de 2004, a Secad reúne áreas como a alfabetização e a educação de jovens e adultos, educação no campo, educação ambiental, educação escolar indígena e diversidade étnico-racial. Segundo o MEC, a Secad tem a missão de contribuir para a redução das desigualdades educacionais e aumentar a participação dos cidadãos em políticas públicas que assegurem a ampliação do acesso à educação continuada. Também são alvo das políticas da secretaria as populações vítimas de discriminação e violência. "A Secad lida com públicos e com temas que não são sistemas ainda. Se você pega a educação indígena, que representa bem essa luta, quase não há oferta de 5ª a 8ª série e nem oferta para o ensino médio. Se você enxerga a educação no campo, você não tem formação de professores aptos a lidar com aquilo que é o projeto pedagógico para o campo. A educação é urgente", diz Lázaro.

Formado em letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre e doutor em comunicação e cultura, Lázaro é professor universitário e já lecionou nas Faculdades Integradas Hélio Alonso, na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ)

e na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). É autor do livro *Amor: do mito ao mercado*. Antes de ser secretário executivo adjunto, ocupou de 2004 a 2006 o cargo de diretor de Desenvolvimento e Articulação Institucional da Secad.

Como a educação continuada pode ajudar a diminuir o índice de analfabetismo no Brasil?

O número de crianças analfabetas no Brasil diminuiu, porém essa diminuição provocou uma queda na qualidade de ensino. Isso é comum no processo de universalização da educação, pois são mais crianças nas salas de aula. A inclusão das crianças na escola não foi acompanhada pela qualidade no ensino, e tanto isto é verdade que, segundo o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), 55% dos alunos das quartas séries do ensino fundamental não conseguem ler ou escrever. Para tentar melhorar esses índices, o Brasil pretende absorver *know-how* para a formação continuada de professores. Esses são desafios comuns entre os países, principalmente a inclusão educacional de grupos marginalizados, como os índios, qualidade e permanência na educação básica, evasão alta e universalização do ensino médio. O nosso desafio é ampliar o tempo e o espaço educativos para garantir a aprendizagem dos alunos. Nesse processo, as atividades do contraturno devem dialogar com o projeto pedagógico da escola. A mobilização proposta pelo MEC prevê que a formação do estudante seja feita, além da escola, com a participação da família e da comunidade.

Qual a importância da Secad no contexto educacional?

Uma das funções da Secad é a de garantir a qualidade do ensino para essas crianças. O MEC está reforçando as ações para estruturar sistemas de educação que privilegiem todos os segmentos sociais. A Secad lida com públicos... [CONTINUA]▶

que ainda não têm sistemas de educação estabelecidos, como a educação no campo e a indígena. A educação desses dois públicos é urgente.

O que é o projeto Alfainclusão?

A alfabetização está sendo resolvida também por meio de parcerias com empresas privadas, ONGs e governos estaduais e municipais. Um exemplo é o projeto Alfainclusão, uma parceria da Secad com a Fundação Banco do Brasil, que reúne metodologia de alfabetização com processos de geração de renda. É um projeto que está dando bons resultados. Em junho deste ano, 62 jovens e adultos de Arinos, e de Brazilândia (DF) receberam, em Brasília, certificados de alfabetização. Para este projeto-piloto foram escolhidos estes dois municípios por apresentarem baixo índice de Desenvolvimento Humano (IDH). O aluno é um importante ator neste processo, pois além de exercer seu direito à educação ele desperta a consciência empreendedora ao participar de projeto inovador.

Dentro do Departamento de Educação para Diversidade e Cidadania existe espaço para educação ambiental e educação no campo?

Existe a Coordenação-Geral de Educação Ambiental, que, juntamente com a Diretoria de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, forma o Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental criado com a regulamentação da Lei n° 9-795/99, por intermédio do Decreto n° 4.281/02. A educação no campo também faz parte do trabalho deste departamento. A meta é por em prática uma política de educação que respeite a diversidade cultural e as diferentes experiências de educação em desenvolvimento, em todas as regiões do País, como forma de ampliar a oferta de educação de jovens e adultos e da educação básica nas escolas do campo.

Entre seus objetivos está a valorização do campo, que engloba os espaços da floresta, da pecuária, das minas, da agricultura, dos pescadores, dos caiçaras, dos ribeirinhos e dos extrativistas como espaço de inclusão social, a partir de uma nova visão de desenvolvimento.

Além disso, o departamento trabalha a educação escolar indígena, uma modalidade de ensino que vem recebendo um tratamento especial por parte do Ministério da Educação, alicerçada em um novo paradigma educacional de respeito à interculturalidade, ao multilinguismo e a etnicidade.

“
O comercial de margarina com pai, mãe e dois filhos não pode mais ser o referencial da educação. Em muitos casos, o chefe de família é a mulher. Há ainda os pais que estão vindo de outros casamentos
 ”

Os modelos familiares trabalhados na escola precisam ser mudados?

O caráter laico da escola está empurrando para os lares a responsabilidade de transmitir valores morais cultivados pela respectiva família. Hoje esses modelos familiares trabalhados na escola precisam ser modificados. De acordo com o Censo 2000, o percentual de mulheres chefes de família aumentou de 18,1%, em 1991, para 24,9%; isto é, um salto de 38% na década. O comercial de margarina com pai, mãe e dois filhos não pode mais ser o referencial da educação. Em muitos casos, o chefe de família é a mulher. Há ainda os lares em que os pais estão vindo de outros casamentos. Não se pode esquecer dos casos crescentes de filhos de pais homossexuais e alunos que fazem parte do chamado GLBTT (*Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros e Transexuais*). É importante que profissionais da educação estejam aptos a lidar com esta situação de modo a não causar constrangimento para a criança que vem de uma família como esta. O que constatamos é que a escola é um grande foco de discriminação, enquanto deveria ser um lugar acolhedor de diferenças. Isso significa que, daqui para frente, não vai adiantar aos pais dizer, em uma reunião de pais e mestres, que isso ou aquilo agrada ou não a Deus. A escola é laica, ela não tem compromissos com a religião. Por isso caberá cada vez mais à família ensinar os filhos a lidar com essa nova realidade, sem agir de uma maneira discriminatória, mas também sem abrir mão de suas convicções de fé. ☒

ESTOQUE DE ANALFABETOS

Em uma audiência pública da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, em julho, da qual o secretário André Lázaro também participou, o deputado Rogério Marinho (PSB-RN) informou: Mais de 50% das crianças do Brasil têm dificuldade de ler e entender um texto, de soletrar e de fazer as quatro operações matemáticas.

Nordeste — Esse número sobe para 70% entre as crianças do Nordeste.

"Estamos formando um estoque de analfabetos", lamentou Marinho. Para reverter esse quadro, o parlamentar sugeriu pesquisas para diagnosticar quais as metodologias pedagógicas que estão dando certo no Brasil, a fim de que se tornem "uma prática universalizada".

Para a conselheira do Conselho Nacional de Educação, Regina Vinhais, o que distancia o Brasil dos demais países em termos de educação é a falta de uma estrutura adequada, da capacitação dos professores, passando pela má remuneração e formação desses profissionais, até a falta de participação dos pais na escola.

Letramento — Segundo Regina, existem no Brasil 16 milhões de analfabetos com mais de 15 anos. Para que esse número não aumente ainda mais, é preciso investir num conceito de alfabetização mais amplo — o letramento. "O letramento envolve uma visão social e uma construção histórica muito maior que a simples alfabetização", diz Regina. "Alfabetização é você ser capaz de juntar as letrinhas e formar palavras e, da mesma forma, não só escrever, como ler. O letramento é o uso dessa capacidade adquirida na escola para a sua vida."